

TELICIDADE E DETELICIZAÇÃO*

Telicity and detelicization

Renato Miguel Basso**

1 INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste trabalho é investigar o fenômeno da *detelicização*, exemplificado pela sentença abaixo:

(1) João leu o livro por um mês.

O predicado 'ler um livro' se refere a um evento télico, pois representa um evento com um fim previsível, que é a da leitura completa do livro, e como tal comporta-se em relação aos testes de telicidade mais usados: é compatível com o adjunto 'em X tempo' e gera o "paradoxo do imperfectivo" quando o verbo principal está no gerúndio (ver seção 2). No entanto, em (1) ele aparece ao lado do adjunto 'por X tempo', considerado como uma das principais ferramentas para a identificação de eventos atélicos, i. e., que não visam um ponto final e que podem prolongar-se indefinidamente. Tal compatibilidade é responsável pela sua detelicização, ou seja, ao afirmar a sentença (1) não podemos também afirmar que João terminou de ler o livro, isto é, que atingiu a meta usual e previsível daquele predicado télico, apesar de usarmos o pretérito perfeito (aspecto perfectivo) de 'ler'.

Para proceder à investigação que é objeto deste trabalho, é imprescindível uma caracterização mais precisa do conceito de telicidade e também do "domínio nocional" ao qual pertence. Por vezes, a propriedade

* Este trabalho é resultado do projeto "Telicidade e Detelicização", financiado pela FAPESP, processo 04/12571-3.

** Doutorando em Linguística pela Unicamp.

da telicidade é tomada como uma propriedade aspectual e, assim sendo, aproximada da noção de *perfectividade*. Entenderemos, contudo, que tal caracterização da telicidade é equivocada, na medida em que podemos identificar fenômenos (inferências, (in)compatibilidades com adjuntos e dinâmicas textuais) diferentes que atuam uns sobre a telicidade e outros sobre a perfectividade de maneira independente, o que nos leva a separar as duas noções. A linha de argumentação que seguiremos aqui é muito próxima a de Bertinetto (1986, 1997) e distingue de maneira rígida as noções aspectuais (como perfectividade, imperfectividade, progressividade) das noções acionais (ou *Aktionsarten*) (como telicidade, duratividade, estatividade).

Este trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: na seção 1 tratamos das inter-relações entre as noções de telicidade e perfectividade e, conseqüentemente, entre acionalidade e aspecto; na seção 2, a mais extensa e central, exploramos o conceito de detelicização, apresentando as condições necessárias para a sua ocorrência e contrapondo-o ao “paradoxo do imperfectivo”. Por fim, na seção 3, apresentamos um resumo do caminho percorrido e das conclusões alcançadas.

2 TELICIDADE VS. PERFECTIVIDADE (OU ACIONALIDADE VS. ASPECTO)

A palavra “telicidade” tem origem na palavra grega “*telos*”, que pode ser entendida como “fim”, e é daí que vem seu sentido: ser um evento télico é ser um evento que tem um fim ou uma meta previsível a ser atingida e que pode ser considerado terminado quando este fim ou meta é alcançado¹.

A noção de telicidade pode ser retraçada, mais antigamente, até Aristóteles e, mais recentemente, até filósofos contemporâneos como Ryle (1949), Kenny (1963), Vendler (1967), entre outros, ganhando contornos cada vez mais sistemáticos e, principalmente, sendo associada a correlatos distribucionais, como a (in)compatibilidade com alguns adjuntos, notadamente com “em X tempo”. Tomemos as sentenças abaixo, das quais apenas as pares são télicas²:

- (2) João leu o livro em uma semana.
- (3) (?) João leu livros em uma semana.

¹ Mais adiante, apresentaremos as diferenças entre termos como “terminado” e “acabado” neste trabalho.

² Não nos deteremos na complexa questão de saber se uma característica acional deve ser atribuída ao verbo ou predicado verbal. Essa discussão perpassa todo o estudo sobre a acionalidade e sobre os eventos de um modo geral, sendo inclusive um dos problemas que Davidson (1967) tentou resolver com sua teoria sobre a forma lógica das sentenças de ação, em que lança mão de um argumento “evento”. Para efeitos do presente trabalho, a classificação acional será aplicada aos predicados verbais e seus argumentos, excluindo-se os adjuntos.

- (4) Pedro pintou o quadro em duas horas.
 (5) (?) Pedro pintou quadros em duas horas³.

Os adjuntos do tipo ‘em X tempo’, aplicados a um evento télico, medem o tempo que levou para que esse evento atingisse seu *telos*, seu fim. Os eventos atélicos são, por sua vez, aqueles que não têm um fim ou uma meta previsível a ser atingido e podem, devido a isso, continuar indefinidamente. ‘ler livros’ em (3) é um exemplo de evento atélico; a atelicidade é revelada pela incompatibilidade com ‘em X tempo’.

Eventos atélicos podem ser durativos ou não-durativos. No caso dos eventos atélicos durativos, como já vimos, ‘em X tempo’ mede o tempo transcorrido desde o início até a conclusão do evento; já no caso dos não-durativos, esses adjuntos medem a duração de uma “fase preparatória” pragmaticamente associada ao evento. Tomemos os exemplos abaixo:

- (6) Antônio achou o quadro (que havia perdido) em 20 minutos.
 (7) (?) Antônio achou o quadro (que havia perdido) acidentalmente em 20 minutos.

O adjunto ‘em 20 minutos’ na sentença (6) mede o tempo durante o qual Antônio procurou o quadro, que constitui a fase preparatória associada ao evento achar o quadro; o evento achar o quadro não leva tempo para acontecer, não tem duração. A sentença (7) causa estranheza porque o advérbio ‘acidentalmente’ veta a fase preparatória – quem acha alguma coisa acidentalmente não a estava procurando –, fazendo com que ‘em 20 minutos’ não tenha ao que se aplicar. Além disso, os eventos não-durativos são incompatíveis com adjuntos do tipo ‘por X tempo’: (?) Antônio achou o quadro por dez minutos.

As noções de telicidade⁴, duratividade e estatividade estão presentes na famosa classificação Vendleriana de predicados verbais: *accomplishments* (atélicos, durativos e não-estativos); *achievements* (atélicos, não-durativos e

³ Sobre os diferentes fatores envolvidos em uma classificação acional e a “sensibilidade contextual” dessa classificação, ver Basso (2004).

⁴ Vale dizer que os autores que trabalharam sobre telicidade a explicaram através de diferentes fatores. Krifka (1998), por exemplo, parte de características mereológicas dos predicados para explicar a telicidade, como antes Bach (1986) para eventos e Link (1983) para a distinção entre termos de massa e plurais *vs.* nomes contáveis; Verkuyl (1972, 1989, 1993) postula traços que correspondem às interações entre os sintagmas nominais e os verbais da sentença em questão, como a quantificação ou não dos nominais; Dini e Bertinetto (1995), por sua vez, utilizam-se de propriedades mereológicas para determinar a telicidade e outras propriedades acionais, porém, à diferença de Krifka e Verkuyl, esses autores consideram aspecto e acionalidade noções distintas.

não-estativos); atividades (atéticos, durativos e não-estativos); e estativos (atéticos, durativos e estativos)⁵. São essas características que definem o domínio acional, características que apontam para uma grande sistematização dos predicados verbais.

O aspecto é outra coisa. Quando nos referimos a aspecto adentramos em um domínio cujas noções não são as de duratividade, telicidade ou estatividade, mas sim acabado *vs.* não-acabado. Podemos definir aspecto como a maneira através da qual um evento é apresentado em relação a estar ou não acabado: o aspecto perfectivo apresenta um evento como acabado, como não mais em curso, e o imperfectivo como ainda em curso ou simplesmente não acabado. Tomemos as sentenças abaixo:

- (8) (?) Fernanda foi até a farmácia mas desistiu no meio do caminho, pois havia esquecido o dinheiro em casa.
(9) Fernanda ia (estava indo) até a farmácia mas desistiu no meio do caminho, pois havia esquecido o dinheiro em casa.
(10) Emília chegou em casa e brigou com a mãe.
(11) Emília chegava em casa e brigava com mãe.

A estranheza da sentença (8) é causada pelo seguinte: mediante o uso do perfeito do indicativo, veiculamos um evento como acabado ('foi até a farmácia') e depois negamos isso ('desistiu no meio do caminho'); a anomalia dessa sentença é então resultado de um uso do aspecto perfectivo numa situação que o contradiz (falar de um evento que ele chegou ao fim / foi realizado completamente e negar logo em seguida que ele chegou ao fim ou que foi realizado completamente). Em (9), o evento ir até a farmácia é veiculado como em curso (aspecto imperfectivo), sendo portanto possível interrompê-lo, como de fato acontece na seqüência. Os exemplos em (10) e (11) ilustram outra diferença entre o perfectivo e o imperfectivo: (10) se presta melhor para a descrição de uma única ocorrência e (11) para a descrição de um hábito ou várias ocorrências.

A mostrar que acionalidade e aspecto são categorias distintas, eventos de qualquer classe acional podem ser apresentados em qualquer classe aspectual:

⁵ As classes acionais propostas por Vendler não são e não tinham a pretensão de ser exaustivas. Para um levantamento mais completo das classes acionais, sugere-se a leitura de Bertinetto (1986), texto no qual o autor ainda divide a classe de estativos em permanentes e não-permanentes; Bertinetto e Squartini (1995), em que é postulada a classe dos verbos incrementais; e Dini e Bertinetto (1995), em que há um refinamento da classe vendleriana dos *achievements*, dividindo-a em transformativos, e-pontuais e s-pontuais. Para uma sistematização de todas essas classes e seus critérios de individualização, ver Basso (2004).

	Perfectivo	Imperfectivo
<i>Accomplishments</i> (tel., dur, não-est.)	João leu o livro	João lia o livro
<i>Achievements</i> (tel., não-dur, não-est.)	João ganhou a corrida	João estava ganhando a corrida (mas Pedro o ultrapassou nos últimos 10 metros)
Atividades (atел., dur, não-est.)	João nadou	João nadava
Estativos (atел., dur, est.)	João esteve com / teve fome (hoje de manhã)	João estava com / tinha fome (hoje de manhã)

A proximidade entre as noções de perfectividade e de telicidade levou muitos autores a considerar tais noções como uma apenas⁶. Manteremos, como já dito, a distinção entre aspecto e acionalidade e como consequência a distinção entre perfectividade e telicidade; esta última, nos seguintes termos:

a) perfectividade = evento estar concluso ou acabado (tendo ou não um ponto final) – o evento em questão é veiculado sob uma perspectiva que indica que ele não continuará mais ou que se completou. Para explicitar melhor a intuição, tomemos a seguinte sentença: 'João chegou em casa(1) e guardou o carro na garagem(2)' – nesse caso, o evento (2) segue o evento (1) justamente por (1) estar acabado: primeiro João chega em casa e depois ele guarda o carro na garagem;

b) telicidade = evento ter um final (estando ou não concluso ou acabado) – o evento em questão tem um término identificável, previsível a partir de seu significado. Ex.: 'ler o livro', tem como ponto final a leitura da última página do livro; 'correr até o supermercado', tem como ponto final chegar ao supermercado (correndo);

c) perfectividade + telicidade = evento terminado (evento tem um ponto final e o atinge (quando concluso)).

⁶ Ver Bertinetto (2001).

Podemos também retomar a tabela apresentada acima acrescentando em cada uma das casas uma análise em termos dos critérios a), b) e c)⁷:

	Perfectivo	Imperfectivo
<i>Accomplishments</i> (tel., dur, não-est.)	João leu o livro c)	João lia o livro não a) e b)
<i>Achievements</i> (tel., não-dur, não-est.)	João ganhou a corrida c)	João estava ganhando a corrida (mas Pedro o ultrapassou nos últimos 10 metros) não a) e b)
Atividades (atел., dur, não-est.)	João nadou a) e não b)	João nadava não a) e não b)

Como recapitulação, podemos dizer que eventos télicos são aqueles que: i) de um ponto de vista nocional, têm um ponto final a ser atingido, ii) de um ponto de vista distribucional, são compatíveis com adjuntos do tipo 'em X tempo'; e iii) só são veiculados como terminados quando combinados com o aspecto perfectivo. Podemos dizer também que veicular um evento no aspecto perfectivo significa dizer que ele está concluso independentemente de possuir ou não um ponto final.

Passemos à próxima seção, que trata dos processos de detelicização.

3 DETELICIZAÇÃO

Se adjuntos do tipo 'em X tempo' selecionam preferencialmente eventos télicos⁸, seja medindo o tempo que levam para terminar, seja medindo sua fase preparatória, qual é o papel de adjuntos do tipo 'por X tempo'?

Esse adjunto refere-se à duração da realização de um evento⁹; por

⁷ Excluímos os estativos da análise devido ao seu comportamento peculiar. Para mais detalhes sobre essa classe e suas propriedades quando combinada com a perífrase progressiva (gerúndio) e o imperativo, ver Basso e Ilari (2004).

⁸ Na verdade, adjuntos do tipo 'em X tempo' selecionam os eventos terminados (perfectivos + télicos), visto que não se aplicam a eventos atélicos e nem a eventos télicos, porém imperfectivos. Uma sentença como: 'João estava atravessando a rua em dez minutos' causa uma certa estranheza, a não ser quando tomada sob uma interpretação habitual, pela qual a sentença significa que João tinha o hábito de / sempre que atravessava a rua fazia isso em 10 minutos.

⁹ Esse adjunto suscita mais possibilidades de interpretação do que esta que consideramos aqui. Um outro uso desse adjunto é quando combinado com os chamados "verbos posturais" como 'deitar', 'sentar', 'levantar', etc. Com tais verbos 'por X tempo' refere-se ao tempo que segue o determinado evento. Na sentença 'João sentou por 10 minutos', o adjunto refere-se ao tempo que João permaneceu sentado.

isso, só é compatível com eventos durativos (*accomplishments*, atividades e estativos):

- (15) João leu o livro por uma semana. (*accomp.*)
- (16) João leu livros por uma semana. (ativ.)
- (17) João teve fome pela manhã toda. (est.)
- (18) (?) João achou o quadro por uma semana. (*achiev.*)

A interpretação deste adjunto com *accomplishments*, como já apresentamos na Introdução, é mais complexa. Justamente porque *accomplishments* são télicos e porque 'por X tempo' não "se compromete" com a telicidade, ocorre a detelicização: a partir da aplicação de 'por X tempo' a um predicado télico temos uma leitura segundo a qual não podemos afirmar que o evento está terminado (seu ponto final foi alcançado), ou seja, mesmo que o evento seja apresentado sob uma perspectiva perfectiva, como conclusivo, o seu ponto final não foi alcançado.

Em outras palavras, alguém que diz (15) compromete-se com o fato de que João não leu o livro até o fim. Sobre isso, podemos comparar as seguintes sentenças:

- (19) João leu o livro em uma semana, mas não gostou do final.
- (20) (?) João leu o livro por uma semana, mas não gostou do final.

Em (20), João não pode ter desgostado do final do livro porque essa sentença nos diz que ele não chegou lá¹⁰.

Vale notar que a detelicização é um fenômeno que depende também de considerações pragmáticas, pois não podemos dizer que uma sentença como (15) indica que João *necessariamente* não leu o livro até o fim; como demonstram as sentenças abaixo, (15) simplesmente invoca uma posição

¹⁰ Uma outra interpretação possível para (20) é que 'por uma semana' indica o tempo em que João ficou lendo o tal livro, podendo tê-lo lido completamente mais de uma vez, ou seja, esse adjunto dispara uma interpretação iterativa (ver Mollá-Aliod (1997, p. 11) e Verkuyl (1989, p. 50)). Tal interpretação é disparada pelo seguinte conjunto de fatores: o adjunto 'por X tempo' deve referir-se a uma duração maior do que a que normalmente (pragmaticamente) associamos a um evento. Assim sendo, o evento pode repetir-se completamente por um número indefinido de vezes. No exemplo acima, (15), João leria o livro em questão em menos de uma semana, o que possibilitaria que durante o período de "uma semana" ele pudesse ler o livro mais de uma vez. É importante notar que essa é uma manobra que mobiliza noções acionais, pois se trata de considerar o predicado como télico ou atélico; ele está, de qualquer modo, conclusivo, acabado. Também não é um caso de detelicização, mas sim de re-categorização do predicado, de télico para atélico. Não consideraremos essa interpretação nesse trabalho.

de “ignorância” frente o evento de ler o livro a que (15) se refere ter ou não atingido seu *telos*:

- (21) João leu o livro por uma semana, mas conseguiu terminar.
(22) João leu o livro por uma semana, mas não conseguiu terminar.

De acordo com (21) e (22), a partir de (15) podemos tanto chegar a uma interpretação télica quanto a uma atélica. Resta então a questão: por que nossa intuição parece dizer que em (15) a interpretação preferencial é aquela na qual o *telos* não foi atingido?

Antes de respondê-la, vejamos um pouco mais a especificidade da detelicização, contrastando este fenômeno com o “paradoxo do imperfeito” e com uma possível interpretação de atividades para sentenças como (15) na seção 2.1; na seção 2.2 apresentaremos uma proposta para tratar a detelicização.

3.1 CERCANDO A DETELICIZAÇÃO

Vejamos as sentenças abaixo, que exemplificam o “paradoxo do imperfeito”, justamente porque apresentam eventos téllicos no aspecto imperfeito:

- (23) João estava lendo o livro.
(24) João estava indo para o trabalho.

A partir dessas sentenças, não podemos afirmar nem que João leu o livro todo, nem que ele não o leu; nem podemos afirmar que ele chegou ou não ao trabalho. Isso resulta da apresentação de um evento que possui um ponto final (téllico) como não concluso (imperfeito). Esse resultado é diferente da detelicização, justamente pelo fato de que com eventos detelicizados sabemos que eles não estão mais em curso, que não são mais o caso, e isso resulta do aspecto perfectivo; no caso do “paradoxo do imperfeito”, o evento ainda está em curso, só não sabemos se atingirá ou não o seu *telos*.

Em termos de articulação entre os domínios aspectuais e acionais temos o seguinte: detelicização = evento téllico, perfectivo (acabado), que não atingiu seu fim; “paradoxo do imperfeito” = evento téllico, imperfeito (inacabado), que não sabemos se atingirá ou não seu “*telos*”, i. e., se será ou não um evento terminado (no sentido que mostramos acima). O

imperfectivo refere-se a eventos ainda em curso e não a eventos *interrompidos* ou *não-terminados*, simplesmente nada podemos dizer sobre o alcance ou não do “telos” de um evento veiculado sob a perspectiva imperfectiva, como mostram os exemplos (23) e (24). Já com a detelicização nos referimos a um evento *interrompido* ou *não-terminado*.

Além disso, há grandes diferenças distribucionais entre a detelicização e a configuração que dá origem ao “paradoxo do imperfectivo”, como podemos ver abaixo:

(25) Quando Maria chegou, João estava lendo o livro.

(26) ? Quando Maria chegou, João leu o livro por uma semana¹¹.

Além disso, dado que várias teorias que tratam de *accomplishments* os interpretam como um evento composto por uma atividade mais um *achievement* (cf. ROTHSTEIN, 2004), seria possível dizer que com (15) nos referimos apenas ao componente de atividade do *accomplishment* ‘ler o livro’.

Vejam, contudo, o que significa dizer que temos uma atividade em (15). Separemos essa sentença em duas partes: a flexão do verbo e as características gramaticais de seus argumentos, que é o que responde pelas características tempo-aspectuais, e os adjuntos. Temos então, de um lado, ‘João leu o livro’, e de outro, ‘por um mês’. A primeira parte dessas sentenças responde por um evento terminado (téllico+perfectivo), e a segunda parte, a um adjunto que, de uma forma ou de outra, mede um tempo transcorrido (provavelmente desde o início do evento). Nessas condições, dizer que estamos diante de uma atividade poderia ser interpretado como “o que o adjunto ‘por X tempo’ mede é o que acontece antes do telos, mas não inclui o telos (e o evento não é mais o caso)” – se for isso, estamos ainda no que dissemos nas primeiras páginas deste capítulo sobre detelicização. Mas devemos proceder com cautela aqui: será que devemos considerar que ‘ler o livro’, quando combinado com ‘por X tempo’, deixa de ser um evento téllico? Isso não parece ser o caso: se ‘ler o livro’ deixasse de ser téllico não faria sentido dizer que ‘por X tempo’ mede coisas que acontecem antes do telos, pois para dizer isso temos que ter um telos. Se dissermos, por outro lado, que não estamos mais falando de ‘ler o livro’, mas sim de ‘ler o livro por 1 mês’ e é desse último evento que dizemos que se refere a uma atividade,

¹¹ Uma maneira possível de interpretar (26) é dizer que João leu o livro por uma semana *depois* que Maria chegou, interpretação esta não muito saliente e totalmente diferente daquela que temos para (25), segundo a qual João *já* estava lendo o livro *antes* de Maria chegar.

esbarraremos nas dificuldades de ter que tratar ‘por 1 mês’ como um *argumento* do predicado ‘ler o livro’ e nas suas implicações.

Tomemos um outro exemplo. Ao dizermos uma sentença como ‘João construiu a casa por 1 ano’ nos referimos a um evento que não tem fim? A um evento cujo fim não foi (ou pode não ter sido) alcançado? A segunda opção nos parece muito mais plausível. Mais do que isso: se o que chamamos de sentenças detelicizadas se referissem à atividade, que não tem um *telos* em hipótese alguma (por definição), uma sentença como ‘João construiu a casa por um ano, e, com a ajuda dos amigos, conseguiu terminar’ ainda seria possível. Mas, nesse caso, se não houvesse um *telos*, ao que ‘conseguiu terminar’ se referiria? E, mais do que isso, por que essa sentença é possível?

A nosso ver, a detelicização não se relaciona nem com o “paradoxo do imperfectivo” nem com uma interpretação de atividade, mas sim, como já dissemos, com eventos interrompidos. Vejamos então como chegar a essa interpretação.

3.2 UMA PROPOSTA PARA A DETELICIZAÇÃO

Para entender o que acontece na detelicização, precisamos inicialmente entender a interpretação télica.

Como já dissemos, um evento télico é aquele que tem um ponto final previsível, não-arbitrário – diremos que essa é sua semântica. Por sua vez, o aspecto perfectivo indica que um dado evento não mais continua, não é mais o caso. Contudo, a semântica que atribuímos tanto ao evento télico quanto ao aspecto perfectivo não garante que uma sentença como, por exemplo, (27) se refira a um evento terminado; senão vejamos:

(27a) João pintou a casa.

(27b) João pintou a casa, mas não conseguiu terminar.

Ora, se a interpretação de evento terminado fosse devida exclusivamente à semântica que atribuímos ao aspecto e à telicidade, uma sentença como (27b) deveria ser contraditória (porque nega o alcance do *telos* e, portanto, uma interpretação segundo a qual (27b) fala de um evento terminado), e, certamente, não é.

Para dar conta desse fato, diremos que a interpretação de evento terminado é resultado de um raciocínio pragmático que mobiliza a segunda máxima de quantidade de Grice, “do not make your contribution more

informative than is required”, revisado por Levinson (2000) como “what is expressed simply is stereotypically exemplified” ou “minimal specifications get maximally informative or stereotypical interpretations” (p. 37); Levinson chama tal reformulação de princípio-I.

Assim, através desse princípio-I, o raciocínio pragmático procede da seguinte maneira: apresento ao ouvinte uma sentença que traz um evento télico num ambiente que diz que esse evento não mais continua (perfectivo); se sou cooperativo e forneço o máximo de informação com o mínimo “material lingüístico”, o ouvinte pode então inferir a interpretação prototípica (curso normal dos fatos), qual seja: um evento télico (que tem um ponto final) apresentado como não mais sendo o caso, atingiu seu ponto final; daí a interpretação de evento terminado. (A sentença (27b) é exatamente um exemplo de cancelamento dessa implicatura).

Para chegarmos à interpretação de detelicização, devemos atribuir a ‘por X tempo’ uma semântica segundo a qual esse adjunto apenas indica um ponto final – que não é um *telos* – ao evento ao qual ele se aplica. Como já vimos, a semântica de um evento télico nos diz que esse evento tem um ponto final previsível, não-arbitrário, que é justamente o seu *telos*; os atélicos, por sua vez, não têm esse ponto final.

Com essa semântica, podemos explicar a possibilidade de interação de ‘por X tempo’ com eventos atélicos, como nas sentenças abaixo:

(27) João correu por 10 minutos (e parou para descansar).

(28) João estava correndo por 10 minutos (quando caiu no chão).

Devido ao fato de eventos atélicos não apresentarem um *telos*, o ponto final trazido pelo adjunto ‘por X tempo’ pode cumprir o papel de apresentar um ponto final para o evento, que pode também servir como ponto de referência ao que acontece posteriormente, como indicam os trechos entre parêntesis.

Com relação à combinação evento télico + ‘por X tempo’, segundo a semântica que apresentamos o que temos é um excesso de pontos finais: o *telos*, já presente na caracterização do evento, e o ponto final introduzido pelo adjunto. Ora, mobilizando a segunda máxima da quantidade de Grice ou o princípio-I de Levison, e através de um raciocínio de implicaturas conversacionais, podemos chegar às razões de nossa interpretação preferencial para (15) ser a de detelicização.

Se em (15) tenho dois pontos finais, devo ficar apenas com um, pois não é possível interpretar um evento como tendo dois pontos finais, a não ser que sejam coincidentes: essa seria a interpretação télica, de alcance

do *telos*. Se esse não for o caso, isso significa que, pragmaticamente, não estou interessado no *telos*, restando então o ponto final introduzido por 'por X tempo'. Em outros termos, (15) oferece informação demais: se eu estivesse interessado em veicular que o *telos* foi atingido, me limitaria simplesmente em dizer 'João leu o livro', a interpretação de evento terminado seria atingida através da mobilização do princípio-I, como vimos acima; se acrescento um outro ponto final, através de 'por X tempo', é porque não estou interessado no *telos*, e sim nesse outro ponto final introduzido pelo adjunto; daí a interpretação de detelicização. Em outras palavras, pelo princípio-I, se eu estivesse interessado no *telos*, não forneceria o ponto final de 'por X tempo', se assim faço, é porque o que interessa é o ponto final do adjunto, desprezando assim o *telos* e chegando à interpretação de detelicização¹².

Esse é exatamente o caso para uma sentença como (22), repetida abaixo; o trecho depois da vírgula só reforça que o ponto final a ser considerado não é o *telos*, mas sim aquele introduzido pelo adjunto.

(22) João leu o livro por uma semana, mas não conseguiu terminar.

Por sua vez, uma sentença como (21), repetida abaixo, indica que a implicatura que descarta o *telos* não se aplica e que tanto o *telos* quanto o ponto introduzido por 'por X tempo' são coincidentes:

(21) João leu o livro por uma semana, mas conseguiu terminar.

Por fim, advogamos que a interpretação preferencial para (15) ser a detelicização resulta de um raciocínio pragmático disparado por um excesso de informação (*telos* e outro ponto final), cujo desenvolvimento mobiliza a segunda máxima da quantidade griceana ("não faça sua contribuição mais informativa do que o necessário").

Voltando ao adjunto, vimos que 'por X tempo' pode ser uma maneira de detelicizar *accomplishments*; mas serão todos os eventos dessa classe compatíveis com esse adjunto? Se forem, em quais condições? Tomemos alguns exemplos:

¹² Para um maior detalhamento dos passos do raciocínio pragmático e uma maior explicitação dos componentes semânticos e pragmáticos dessa análise, remetemos à dissertação de mestrado "Telicidade e detelicização: semântica e pragmática do domínio tempo-aspectual" (BASSO, 2007).

- (29) (a) João leu o/um livro por uma semana.
 (b) João leu 4 livros por uma semana.
 (c) (?) João leu o/um livro inteiro por uma semana¹⁵.
- (30) (a) João construiu a/uma casa por um ano.
 (b) João construiu cinco casas por um ano.
 (c) (?) João construiu a/uma casa inteira por um ano.
- (31) (a) João comeu o/um bolo por cinco minutos.
 (b) João comeu três bolos por cinco minutos.
 (c) (?) João comeu o/um bolo inteiro por cinco minutos.
- (32) (a) João foi até a farmácia por dez minutos.

As sentenças acima trazem exemplos de telicidade garantida pela “afetação” (ver KRIFKA 1998) de um objeto (29), pela construção de um (30), pela destruição ou consumo de um (31) e por um caminho específico a ser percorrido (32). Os itens (a) referem-se a diferenças de definitude do objeto, os itens (b) a quantificação dele e os itens (c) a um advérbio que “reforça” a idéia de que o ponto final, a meta foi atingida – menos para (32), que não apresenta tais possibilidades.

A quais conclusões podemos chegar a partir desse conjunto de exemplos? A princípio, os *accomplishments* parecem ser passíveis de detelicização mediante o adjunto ‘por X tempo’, independentemente da definitude e da quantificação do objeto, desde que não haja nenhum advérbio que “reforce” a telicidade. Eventos *achievements*, apesar de serem tólicos, não são compatíveis com ‘por X tempo’, mas isso não parece ter nada a ver com a telicidade, e sim com a duratividade: como vimos acima esse adjunto só é compatível com eventos durativos e os *achievements* são não-durativos. ‘por X tempo’ é compatível com atividades e *accomplishments*, ambos caracterizados pelo traço [+ duratividade]. Como tanto *accomplishments* como *achievements* são tólicos, porém apenas os *achievements* são não-durativos, parece ser esse traço que condiciona a compatibilidade com adjuntos desse tipo.

Isso significa também que esses eventos não podem ser “detelicizados”? Essa questão suscita reflexões mais aprofundadas sobre a própria noção de detelicização e sobre a existência de outros mecanismos através dos quais ela pode ser efetuada; será que só podemos detelicizar

¹⁵ Esse exemplo pode ser aceitável na interpretação apresentada na nota 11, ou seja, João leu o livro mais de uma vez durante a semana. A mesma interpretação não pode ser atribuída, no entanto, para (30c) e (31c), pois ao passo que podemos ler mais de uma vez um mesmo livro, não podemos construir mais de uma vez uma mesma casa e nem comer mais de uma vez um mesmo bolo.

um predicado através de ‘por X tempo’?

Com relação à noção de detelicização, devemos ressaltar que ela exige necessariamente que o evento télico em questão – independentemente de sua duratividade – comece, fique concluso, mas não atinja seu ponto final. Ora, se considerarmos que os *achievements* não possuem uma diferença entre começar e acabar, justamente por se atualizarem em um “átomo” de tempo (daí sua não-duratividade), parece conceitualmente impossível detelicizá-los. Não faz sentido também detelicizar sua fase preparatória, visto que ela é apenas pragmaticamente ligada ao evento e não ao evento de fato.

Os exemplos de *achievement* nas duas tabelas acima apresentam, de fato, uma manobra que leva a considerar apenas a fase preparatória do evento ganhar a corrida, mas não se trata de detelicização, e sim do “paradoxo do imperfectivo”. Através de ‘João estava ganhando a corrida’ não podemos afirmar nem que ele ganhou, nem que não ganhou, podemos apenas dizer que ele estava participando da tal corrida e que estava em primeiro lugar, situações que, aliás, constituem a fase preparatória do evento ganhar a corrida.

Assim sendo, mesmo através de outras maneiras de se efetuar a detelicização de um predicado, a detelicização não acontecerá em *achievements*, pois não há, conceitualmente, diferenças entre seu começo e seu fim, o que faz com que seja impossível uma situação na qual eles comecem e sejam interrompidos.

E quais seriam outras maneiras de se detelicizar um predicado?

Muito sucintamente, detelicizar é falar de um evento, que ele acabou, mas considerar que seu fim ou meta (*telos*) não foi alcançado (ou seja, o evento foi interrompido). Qualquer situação que possibilite tal interpretação é, em princípio, uma maneira de se detelicizar essa sentença:

(33) João pintou o quadro por uma semana e desistiu (dele).

(34) João desenhou o retrato de sua mulher por dois dias e parou.

Novamente, as duas sentenças acima ilustram situações em que um determinado evento télico é iniciado e dado como acabado (João não pinta mais o quadro em (33) e João não desenha mais o retrato em (34)), mas sem atingir seu ponto final ou *telos* (em (33) o quadro não está pronto e em (34) o retrato da mulher de João também não), e isso se dá a partir do uso de verbos como ‘parar’ e ‘desistir’ combinados com predicados télicos veiculados sob a perspectiva perfectiva (‘pintou’ em (33) e ‘desenhou’ em (34)).

Tais verbos, combinados com *achievements*, como já dissemos,

não os detelicizam, mais causam estranheza ou têm uma interpretação diferente daquela com *accomplishments*:

- (35) (?) João parou de achar a chave.
 (36) (?) João parou de ganhar a corrida.
- (37) João desistiu de achar a chave.
 (38) João desistiu de ganhar a corrida.

(37) e (38) ilustram situações distintas daquela de (33), por exemplo. Em (33), João começa a pintar o quadro e *depois* desiste, mas em (37) e (38), não podemos dizer que João começou a achar a chave ou ganhar a corrida e depois desistiu (apenas que ele *procurou* a chave ou *liderou* a corrida).

4 CONCLUSÃO

O caminho que percorremos neste trabalho inicia-se com o estabelecimento da distinção entre aspecto e acionalidade, para explorar o conceito de telicidade, pertencente ao “domínio acional”. Feito isso, identificamos alguns dos contextos responsáveis pela detelicização de predicados télicos, i. e., contextos nos quais um predicado télico é dado como conclusivo, mas sem ter atingido sua meta ou seu ponto final.

Esses contextos são representados por quaisquer situações em que um evento télico tem seu início e é interrompido antes de atingir sua meta. Além disso, adjuntos do tipo ‘por X tempo’, ‘das 14hs às 16hs’, ‘durante o verão’ etc., também são “dispositivos de detelicização” quando estamos tratando de verbos *accomplishments*. Predicados télicos que possuem algum advérbio, adjetivo ou sintagma preposicionado que fazem alusão necessária ao ponto final do evento télico, como ‘totalmente’, ‘completamente’, ‘todo’, ‘inteiro’, ‘de cabo a rabo’, ‘do começo ao fim’, ‘por completo’ etc., são uma exceção a isso, pois não podem ser detelicizados através desses meios (ver os exemplos (29c), (30c) e (31c)).

Vimos também que eventos *achievements* não são detelicizáveis por não poderem começar e ser interrompidos depois, justamente porque se dão em um único momento de tempo, não sendo possível diferenciar seu início de seu fim.

Por fim, este trabalho deixa em aberto questões relativas a outros “dispositivos lingüísticos” que podem ser responsáveis pela detelicização, bem como a uma caracterização mais pormenorizada da telicidade, visto que temos predicados télicos que permitem a detelicização (‘ler um livro’),

outros que não a permitem quando acrescidos de um advérbio, por exemplo 'ler um livro completamente', e outros que nunca permitem: os *achievements* ('atingir o topo da montanha').

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal caracterizar o fenômeno da detelicização, exemplificado pela sentença: 'João leu o livro por uma semana'. Através desta sentença não podemos afirmar que João leu o livro todo, como a princípio indicaria o predicado télico 'ler o livro', devido à presença do adjunto 'por uma semana', que não se compromete com o alcance do ponto final, o *telos* do evento. Além disso, contrastamos o fenômeno da detelicização com o "paradoxo do imperfectivo", exemplificado pela seguinte sentença: 'João estava lendo o livro' e com uma possível interpretação de atividade para as sentenças que apresentam detelicização. Para proceder à caracterização da detelicização, lançamos mão do modelo tempo-aspectual proposto por P. M. Bertinetto, que parte da distinção entre noções aspectuais como perfectividade e imperfectividade de noções acionais (*Aktionsart*) como duratividade, estatividade e telicidade, pois consideramos que a detelicização é um fenômeno que trata de uma relação específica entre aspecto e acionalidade. (assim como o "paradoxo do imperfectivo"). Somada à distinção entre aspecto e acionalidade, propomos uma interação específica entre fatores semânticos e pragmáticos no domínio tempo-aspectual que visam a caracterizar o fenômeno da detelicização.

Palavras-chave: *acionalidade; telicidade; detelicização.*

ABSTRACT

This paper aims at characterizing the phenomenon of the detelicization, which 'John read^{perfective} the book for a week' is an example of. By this sentence we cannot affirm that John read the book through / all the book, as would indicate the telic predicate 'to read the book', due to the presence of 'for a week', an adjunct that is not committed to the end point, the *telos* of the event. Moreover, we contrast the phenomenon of the detelicization with another phenomenon, the "imperfect paradox", exemplified by: 'John was reading the book', as well as with a possible activity interpretation of detelicized sentences. In order to characterize detelicization, we mobilize the time-aspectual model proposed by P. M. Bertinetto, which clearly separates aspectual (perfectivity, imperfectivity, and

progressivity), and actional notions (or Aktionsart) (as durativity, stativity, and telicity); this is very interesting, since we consider that detelicization is a phenomenon that deal with a specific relation between aspect and actionality (as well as the “imperfect paradox”). Alongside with the distinction between aspect and actionality, we propose a specific interaction between semantic and pragmatic factors in the temporal-aspectual domain which aims at characterize the phenomenon of detelicization.

Key-words: *actionality; telicity; detelicization.*

REFERÊNCIAS

- BACH, E. The algebra of events. *Linguistics and Philosophy*, 9, p. 5-16, 1986.
- BASSO, R. M. Classes Acionais do Português Brasileiro e sua Sensibilidade Contextual. In: ANAIS DO I SEPEG – SEMINÁRIO DE PESQUISAS NA GRADUAÇÃO – IEL/UNICAMP, p. 57-62, 2004.
- BASSO, R. M.; R. ILARI. Estativos e suas Características. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, n. 1, v. 4, p. 15-25, 2004.
- BERTINETTO, P. M. *Il dominio tempo-aspettuale: Demarcazioni, intersezioni, contrasti*. Torino: Rosenberg and Sellier, 1997.
- _____. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the perfective=telic confusion. In: CECCHETTO, C. *et al.* (Org.). *Semantics Interfaces: Reference, Anaphora, Aspect*. Stanford, CA: CSLI Publications, 2001. p. 177-210.
- _____. *Tempo, Aspetto e Azione nel verbo italiano. Il sistema dell'indicativo*. Florença: Accademia della Crusca, 1986.
- BERTINETTO, P. M.; M. SQUARTINI. An attempt at defining the class of ‘gradual completion’ verbs. In: BERTINETTO, P. M.; BIANCHI, V.; HIGGINBOTHAM, J.; SQUARTINI, M. *Temporal Reference, Aspect and Actionality. Semantic and Syntactic Perspectives*. Torino: Rosenberg and Sellier, 1995. v. 1. p. 11-26.
- DAVIDSON, D. The Logical Form of Action Sentences. In: RESCHER, N. (Org.). *The Logic of Decision and Action*. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 1967. In: _____. *Essays on Actions and Events*. Oxford: Clarendon Press, 1980.
- DINI, L.; BERTINETTO, P. M. *Punctual verbs and the linguistic ontology of events*. Disponível em: <<http://alphalinguistica.sns.it/QLL/Welcome.html>>, 1995.
- GRICE, H. P. Lógica e Conversação. In: DASCAL, M. (Org.). *Fundamentos metodológicos da Linguística*. Campinas: Edição do Autor, 1981[1975]. v. VI. Pragmática, 81-104.
- KENNY, A. *Actions, Emotions and Will*. New York: Humanities Press, 1963.
- KRIFKA, M. The origins of telicity. In: ROTHSTEIN, S. (Org.). *Events as Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1998. p. 197-235.
- LEVINSON, S. *Presumptive Meanings: The Theory of Generalized Conversational Implicatures*. Cambridge: MIT Press, 2000.
- LINK, G. The logical analysis of plural and mass terms: a lattice-theoretic approach. In: BAÜERLE, R., SCHWARZE, C.; STECHOW, A. von. *Meaning, Use and Interpretation of*

BASSO, R. M. TELICIDADE E DETELICIZAÇÃO

Language. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1983.

MOLLÁ-ALIOD, D. *Aspectual Composition and Sentence Interpretation: A formal approach*. Tese (Doutorado) - University of Edinburgh, 1997.

ROTHSTEIN, S. *Structuring Events: A Study in the Semantics of Lexical Aspect*. Malden: Blackwell Publishing Ltd, 2004.

RYLE, G. *The Concept of Mind*. London: Barnes & Noble, 1949.

VENDLER, Zeno. *Linguistics in Philosophy*. New York: Cornell University Press, 1967.

VERKUYL, H. J. *A theory of aspectuality*. The interaction between temporal and atemporal structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____. Aspectual classes and aspectual composition. *Linguistics and Philosophy*, 12, p. 39-94, 1989.

_____. *On the compositional nature of aspects*. Dordrecht: Reidel, 1972.